

A Boneca e o Silêncio: Reflexões sobre Videoativismo e Aborto ¹

Josenilda Barbosa GOMES ²

Paula Reis MELO ³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

A transmissão e a recepção de conteúdos produzidos pela mídia ocupam papel fundamental na compreensão das representações sobre uma dada realidade social. Assim, o papel da mídia, enquanto produtora de opinião, se torna um campo privilegiado para se estabelecer os posicionamentos e as influências dos argumentos mais comuns no debate sobre o aborto. A ideia de analisar o documentário O silêncio e a Boneca se baseia na ideia de despontar um tema de suma importância para os direitos humanos e que sob o escopo do movimento de videoativismo baliza, neste artigo, o exame dos lugares de fala inscritos no documentário ora aqui analisado. Buscando ainda abordar questões que a noção de sensacionalismo não responde, o artigo compara, a abordagem dada ao mesmo tema no programa televisivo Profissão Repórter da Rede Globo, na matéria Aborto Clandestino.

PALAVRAS-CHAVE: aborto; debate público; lugar de fala; mídia hegemônica; videoativismo

INTRODUÇÃO

O enquadramento midiático, segundo a teoria social do *Framing*, inspirada por Erving Goffman, mas profundamente estudada por diversos outros teóricos da comunicação, pode emprestar mais ou menos visibilidade a argumentos e explicações sobre a essência de um determinado problema, assim, “responsabilizando-os numa maior ou menor escala e dando ênfase ao que deve ou não deve ser feito, o “framing” pode determinar e influenciar a posição de um cidadão face a uma questão” (OLIVEIRA & CARVALHO, 2012). Segundo outro teórico do *framing*, Serge Moscovici:

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de Graduação do 4º semestre do Curso de Rádio, Tv e Internet da UFPE, email: josy.gomesrtvi@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Rádio, Tv e Internet da UFPE, email: preismelo@yahoo.com.br

“ [...] este enquadramento se torna uma importante fonte para a formação das representações sociais individuais e coletivas, a versão contemporânea do senso comum ou, por outras palavras, o corpus organizado de conhecimentos que permite ao Homem perceber a realidade física e social que o envolve e formar a sua conduta” (In OLIVEIRA & CARVALHO, 2012).

Nesse sentido, é preciso pensar como essa representação pode ser assimilada dentro de um contexto social no qual os agentes sociais, sua posição e o capital simbólico detido (pelos meios de comunicação e pelo interlocutor) ampliam ou reduzem tal projeção. Tais estruturas constituem o que o doutor em comunicação José Luiz Braga chama de Lugar de Fala. Compartilhando da visão de Braga, a doutora em comunicação Márcia F. Amaral diz que o autor assim o conceitua, “o Lugar de Fala é uma lógica que articula fala, textos e situação”, não se reduzindo ao lugar sociológico do falante e à sua posição no mundo, porém este mesmo o contém, correspondendo “ ao lugar construído pelo discurso no contexto. O que esta fala tenta construir, recortar, responder no espaço social? (Pois) Toda fala tenta resolver problemas de ordem imediata” (BRAGA in AMARAL, 2004). Dentro dessa problemática, na qual se relaciona o lugar construído por um produto cultural ao tipo de enquadramento dados por um determinado meio, emerge o questionamento central do qual se vale este artigo: quais representações estão presentes nos enquadramentos dado pela mídia brasileira sobre a questão do aborto?

Sob o título de “Dos Crimes Contra a Vida”, desde 1940, a interrupção voluntária da gravidez é negada e criminalizada pelo Código Penal Brasileiro. O aborto, no Brasil, é um tema polêmico, o qual desperta discussões, muitas vezes, acaloradas e repletas de opiniões contraditórias entre defensores e opositores da descriminalização da prática. Segundo a mestre em Ciência Política Andrea Azevedo Pinho, em seu artigo intitulado “Os debates sobre o aborto na mídia brasileira: dos enquadramentos midiáticos a construção de uma democracia plural”, a questão vai mais além, se estendendo a outros grupos, dentre eles a dos religiosos, dos participantes de movimentos, em especial do movimento feminista, ou a grupos responsáveis pela formulação de políticas públicas relacionados ao tema (PINHO, 2009).

Pesquisas revelam que no Brasil, igualmente, como em outros países, alguns entraves podem ser considerados quando se fala sobre a legalização do aborto. Dois dos mais comuns seriam: primeiro, as alarmantes taxas de mortalidade materna, as quais mobilizam o debate em termos de um problema de saúde pública; e, o segundo, a forte

influência das instituições religiosas (sobretudo da Igreja Católica) em assuntos que envolvem discussões éticas ou morais sobre o tema (PINHO, 2009). Cada um, em maior ou menor grau serão, notadamente, percebidos nas produções midiáticas/culturais abordadas neste artigo.

Todavia, para o estudo da questão do enquadramento midiático dado ao tema, se fez necessário a escolha de um formato de mídia audiovisual o qual tivesse maior liberdade de expressão para mostrar a realidade oculta e criminalizada das mulheres que optam por tal procedimento, sendo escolhido o formato documentário, mais especificamente, o estilo documentário ativista ou videoativismo.

Em primeiro plano, embasado nos conceitos de Lugares de Fala e de Enquadramento Midiático, o objetivo é revelar, através do exame do documentário *A Boneca e o Silêncio* da diretora paulista Carol Rodrigues, quais são as vozes responsáveis por criar referência e/ou delimitar status (quase emergencial) para a discussão sobre o aborto no Brasil. Entretanto, apesar do todo esforço e engajamento, (o documentário) por ser um formato que não atinge a todas as audiências, se fez imperativo apontar também quais são os enquadramentos mais comuns dados ao tema pela mídia hegemônica. Então, daí surgindo, em segundo plano, a comparação dos retratos presentes no videoativismo de *A Boneca e o Silêncio* em relação ao da produção jornalística na reportagem *Aborto Clandestino* do programa *Profissão Repórter* da Rede Globo. Por fim, busca-se igualmente desmistificar quais enquadramentos podem incitar uma maior reflexão sobre o tema ou ainda, quais deles permitem a possibilidade de se fundamentar novas referências sobre um determinado sujeito, sendo nesse caso, o da mulher que opta pela interrupção voluntária da gravidez no Brasil.

LUGARES DE FALA E ENQUADRAMENTO MIDIÁTICO

No que concerne as questões dos Lugares de Fala e de Enquadramento Midiático, respectivamente amparados na visão dada por Braga (2000) e na interpretação teórica do mestre em comunicação Mauro Porto, este artigo relativiza sobre como a mídia oferece fala e representa determinadas figuras complexas. Sendo, neste artigo, a figura socialmente marginalizada das mulheres que realizam o aborto.

Surgindo daí os dois pilares de análise das produções, o primeiro, sendo entendido enquanto o seguinte pensamento de Braga:

Braga (2000) busca construir a noção de Lugar de Fala como conceito metodológico para estudo de produtos culturais. Acredita que o lugar de sentido não é inteiramente pré-existente e se constrói na trama entre a situação concreta com que a fala se relaciona, a intertextualidade disponível e a própria fala como dinâmica selecionadora e atualizadora de ângulos e construtora da situação interpretada. Assim, é insuficiente buscar sentido só na estrutura formal da fala, nas inserções interdiscursivas ou nas circunstâncias do contexto, pois os Lugares de Fala transcendem o discurso. (AMARAL, 2004).

E o segundo, na noção inicial de diferenciar a interpretação dado por Porto para dois tipos de enquadramentos: a do enquadramento noticioso versus o do enquadramento interpretativos.

Uma característica importante dos enquadramentos noticiosos é o fato de que eles são resultado de escolhas feitas por jornalistas quanto ao formato das matérias, escolhas estas que têm como consequência a ênfase seletiva em determinados aspectos de uma realidade percebida. Já os enquadramentos interpretativos operam em um nível mais específico e possuem uma independência relativa em relação aos jornalistas que os relatam. Enquadramentos interpretativos são padrões de interpretação que promovem uma avaliação particular de temas e/ou eventos políticos, incluindo definições de problemas, avaliações sobre causas e responsabilidades, recomendações de tratamento, etc. (...). Em geral, os enquadramentos noticiosos são criados por jornalistas e os interpretativos são elaborados por atores políticos e sociais. (PORTO, 2004)

Aqui, ambos servem para justificar o motivo do qual uma produção pode parecer mais honesta e sensível, e geradora, por conseguinte, de uma maior compreensão acerca da problemática do aborto (e suas consequências) do que uma outra que vise meramente o noticiamento a partir da necessidade de atrair audiência através da ênfase dramática, moral e religiosamente constituída cujo discurso grande parte do público não consegue se desvincular.

A MÍDIA HEGEMÔNICA E O ABORTO

Profissão Repórter é um programa jornalístico semanal brasileiro, produzido e exibido pela Rede Globo, que vai ao ar nas noites de terça-feira sob a direção do jornalista Caco Barcellos o qual conduz uma equipe de jovens repórteres, mostrando detalhes do dia-a-dia da produção de um programa televisivo de notícias. Tendo sido escolhido para o programa do dia 28 de outubro de 2014, o tema do aborto para dar

pauta a questão da interrupção voluntária da gravidez em clínicas clandestinas no Brasil.⁴

A reportagem pretendeu aparentemente mostrar sob distintos ângulos o tema aborto, apresentando diversos dados estatísticos, depoimentos variados e uma narrativa que ao longo da projeção objetiva explicar as implicações que a prática traz para a mulher na sociedade brasileira. Ao tentar “diversificar” seu discurso - dentre eles: o da perspectiva familiar, através do depoimento dos familiares mais próximos (irmã, mãe, amigos e conhecidos das mulheres); o da polícia – prisões dos envolvidos e outros investigados; dos “criminosos” – entrevista com mulheres que foram presas ou ficaram na iminência de serem apreendidas pela polícia; dos grupos feministas – menção especial ao documentário *Clandestinas* – trecho do qual é feita a única alusão a um movimento pró aborto; e, por fim, o do enquadramento religioso (na divulgação de um grupo católico o qual oferece ajuda material/emocional para as mulheres com intenção realizar o procedimento) – a produção refletiu a quase impossibilidade de se escapar da tríade do discurso moral, policial (jurídico) e religioso e do qual é sempre pautado o tema aborto na imprensa nacional. A reportagem se mostra polarizada e moralmente constituída, pois grande parte da discussão contida no vídeo tem por base predominante uma argumentação jurídico-religiosa. Essa afirmação se justifica nos argumentos da antropóloga Débora Diniz e da relações sociais Ana Paula Damasceno, que constata:

É possível afirmar que esse deslocamento do tema do aborto do campo da saúde e sua proximidade com outros assuntos, como a política e a religião por exemplo, pode ser fruto de um descuido não-intencional, produto da guerrilha moral em que o aborto se encontra imerso no país, fazendo com que os jornalistas comumente não tenham à sua disposição os instrumentos adequados para reelaborar o discurso hegemônico. A consequência dessa espécie de "docilidade moral" dos jornalistas, e em menor intensidade das articulistas, para com o estilo dominante é o esvaziamento do debate em torno do aborto na mídia impressa nacional, fazendo com que um mesmo estilo seja compartilhado por todos os jornalistas, indiferentemente de suas respectivas identidades de gênero. (DINIZ e DAMANSCENO, 2001)

Ainda que dando espaço para que representações de grupos feministas dessem voz a sua causa, sua fala parece esvanecida, como argumenta a jornalista e professora de comunicação, Maria Lucineide Fontes, “Esses constituem as representações de grupos marginalizados os quais, diante de assuntos como aborto, tem sua fala esvanecida por

⁴ A reportagem teve duração de aproximadamente 25 minutos, e foi escolhida como tema daquela semana em detrimento da repercussão da morte de duas mulheres no estado do Rio de Janeiro em clínicas de aborto clandestinas durante o mês de outubro. As vítimas foram as cariocas Jandira Cruz e Elizângela Barbosa.

questões ditadas pelo senso comum arraigado nos ditames da igreja, e da legislação vigente.”. E por não conseguir avançar a discussão além dessas barreiras, ou seja, fora da tríade (moral, jurídica e religiosa), o enquadramento dado ao tema na reportagem foi o enquadramento noticioso, pois eliminam-se possíveis enquadramentos interpretativos que ajudariam na compreensão do tema de uma forma mais abrangente. A reportagem apresenta um recorte ínfimo e raso da questão da legalização/ descriminalização do aborto, privilegiando, ao final, as abordagens que são mais palpáveis ao senso comum dos telespectadores.

Nas notícias sobre aborto, as vozes religiosas são as mais legitimadas, sejam elas da Igreja Católica ou de lideranças das igrejas evangélicas, sobretudo das igrejas neopentecostais. Além dessas, são ouvidas fontes policiais ou jurídicas, nos casos do noticiamento de clínicas clandestinas denunciadas por realizar aborto, prisão de profissionais de saúde acusados da prática e indiciamento de mulheres que recorreram à prática ilegal. (FONTES,2012)

A BONECA E O SILÊNCIO - DOCUMENTÁRIO E VIDEOATIVISMO

O conceito de documentário de videoativismo é entendido através dos estudos da mestre em comunicação Fabiana do Nascimento Paranhos, enquanto a possibilidade de que tanto o cinema quanto as novas mídias, como a internet, darem espaço para as denúncias de violações de direitos, abusos de poder, guerras, escravidão entre outros, sendo hoje, o documentário umas das expressões audiovisuais mais importantes do cenário cultural e político atual (PARANHOS, 2007).

Nesse sentido,

O engajamento do documentário, para o autor, acontece de três maneiras: 1. Os documentários nos dão um retrato ou uma representação reconhecível do mundo em que vivemos; 2. Os documentários significam ou representam os interesses de outras pessoas e realizadores (os documentaristas) boa parte das vezes assumem o papel de representantes do público; e 3. Os documentários funcionam como representantes legais, advogando interesses e pontos de vista de um determinado tema (NICHOLS in PARANHOS, 2007).

Antecipando que o curta *A Boneca e o Silêncio* é compreendido, nesse artigo, e também descrito pela própria autora, enquanto documentário ficcional, são também considerados os seguintes pontos propostos pela jornalista Regina Dalcastegnè sobre uma das funções do formato: “inicialmente, o manuseio das representações sociais, na ação de incorporar essas representações, reproduzindo-as de maneira acrítica; depois,

descrevendo essas representações, com o intuito de evidenciar seu caráter social, ou seja, de construção; e, por fim, colocar essas representações em choque diante dos nossos olhos, exigindo o nosso posicionamento." (DALCASTAGNÈ, 2007).

O curta metragem *A Boneca e o Silêncio* é o primeiro filme extracurricular, da cineasta Carol Rodrigues o qual foi realizado em parceria com a MEUS RUSSOS, produtora encabeçada pelos produtores Eduardo Chatagnier, Heitor Franulovic, Lucas Barão e Paulo Serpa. De forma geral, *A Boneca e o Silêncio* é entendido nesse estudo como documentário ficcional de videoativismo. Sua história nasceu a partir de um conto escrito pela própria diretora no ano de 2007, sendo a história adaptada para um roteiro de curta metragem no ano de 2012. Segundo a diretora, as motivações acerca da temática se deram pela seguinte ordem:

"Eu decidi fazer o curta porque o aborto é um tabu. Ainda que ilegal na maior parte dos casos, no Brasil, são feitos centenas de milhares de abortos todos os anos e é uma das maiores causas de morte entre as mulheres. As principais vítimas, são as mulheres pobres e negras, que também são as mais vulneráveis ao indiciamento criminal. A produção nacional de filmes que traz essas histórias é ínfima e, vale dizer, que quando encontramos filmes que trazem a história de meninas ou mulheres que passam por esse processo, em geral, são personagens brancas e de classe média. É fundamental que rompamos com o silenciamento generalizado que ajuda a perpetuar essa situação. Foi justamente pelo desejo de romper com esse silêncio que comecei a escrever a história de Marcela."(Informação Verbal)

5

Marcela, a personagem principal, é uma adolescente, de 14 anos, negra da periferia que perdeu a mãe quando ainda era criança, se tornando responsável pela casa e pelos cuidados com o pai e com os irmãos. Ela namora João e, juntos, eles se veem diante de uma gravidez indesejada. Perante a decisão do aborto, Marcela encara sozinha, frente a todas suas dúvidas e medos, as consequências que tal ato poderá trazer para sua vida. Com essa proposta, a diretora teve por objetivo contar a história da Marcela, no intuito de sensibilizar as pessoas para a importância de avanços na discussão sobre o aborto. Para isso, ela monta toda a narrativa em primeira pessoa, expondo particularidades da intimidade da menina perante a decisão da realização do aborto.

Realizado através do Edital Curta-afirmativo do Ministério da Cultura – edital destinado a realizadores negros que tem um forte engajamento político - o curta estava

⁵ Entrevista concedida por RODRIGUES, Carol. [nov.2015]. Entrevistador: Josenilda Barbosa Gomes. Recife, 2015. Entrevista concedida via web.

sendo exclusivamente apresentado em festivais, mostras, eventos estudantis, feministas e do movimento negro até o final do ano de 2016. Este fator impossibilitava um contato maior do grande público com a obra durante tal período. Atualmente, o documentário está disponível na maior parte das plataformas de vídeos em streaming como o *Youtube* e *Vimeo*. Desde o seu lançamento, no ano de 2015, o filme foi vencedor diversos de prêmios nos mais variados festivais nacionais e internacionais.⁶

A ANÁLISE

Segundo Amaral, o Lugar o de Fala exige não apenas que o sujeito seja convocado, mas que ele se invista daquela posição, ocorrendo assim um reconhecimento no enunciado de um texto, pela identificação com a cultura ali expressa. No caso de *A Boneca* e *o Silêncio*, através da figura da menina Marcela, o curta dá fala a todas as mulheres, em especial, às mulheres pobres e negras – destaca-se que estas são as com maior vulnerabilidade ao indiciamento criminal pela opção do aborto voluntário na sociedade brasileira. Entretanto, não é apenas por partilhar o mesmo lugar (realidade), que a realizadora consegue enquanto agente social daquele contexto discorrer com propriedade acerca do tema. A sua produção é formada por elementos simbólicos impactantes, os quais compõem uma mensagem que tornam o curta um porta-voz de um grupo. Sua fala concentra um discurso que tenta fazer um recorte para além dos conhecidos pela maioria da população, se concentrando, especialmente, na questão da vulnerabilidade à morte (tema central do filme) das mulheres pobres e negras, devido a sua baixa condição financeira implicar na busca por locais (esconderijos onde se farão práticas de aborto rudimentares, como no caso do vídeo, ou clínicas clandestinas) nos quais não há a mínima condição sanitária para realização de tal procedimento.

⁶ O Documentário foi vencedor do prêmio de melhor curta-metragem, eleito pelo público no 6º FESTin – Festival Itinerante de Língua Portuguesa, Lisboa, (2015); Eleito melhor filme pelo júri e pelo público no Festival Entretodos, festival de curtas de direitos humanos de São Paulo (2015); Recebeu o prêmio de melhor direção no 2º Raipur Short Film Festival, Índia (2016); Prêmio do júri como melhor curta metragem no International Boat of Culture, Polônia (2016). Prêmio de melhor filme na categoria "Filme de Mulher" no 6º Cinecipó do Festival de Cinema Socioambiental, Minas Gerais (2016).

Através da encenação do drama de Marcela, o filme se relaciona com o espectador colocando-o numa posição de onipresença, pois além de visualizarmos a perspectiva da menina (pensamentos, lembranças e digressões), criamos um laço sinestésico com a personagem no qual sentimos sua aflição e sua angústia durante quase todos os momentos da projeção - o sangue da carne que é cortada pela menina quando no início do curta que se alastra de forma simbólica no seu vestido; na cena do “empunhar” e do “observar” da tesoura e da agulha de tricô como instrumentos de “salvação”; e, no fim da projeção, na mistura dos sangues da menina, que se diferencia por uma cor “mais viva”, com de um outro de cor mais escura, envelhecido, empoçado alegoricamente no chão do seu esconderijo, indicando que outras mulheres também morreram antes vitimadas pela mesma condição. O espectador é subjetivado na figura da personagem que parece indicar um ângulo mais particular sobre a situação em que está acometida. Ressalta-se que o lugar em que o telespectador é colocado pode ser um lugar desconhecido e desconfortável para muitos, pois a ele é solicitado encarar em primeira pessoa o que se passa na vida de Marcela desde a sua infância até o momento em que definha.

A fala (discurso) que busca no encadeamento dos elementos do silêncio da menina, da revelação da sua condição social, da sua falta de opção/orientação, do julgamento dos olhares na rua e da sua, conseqüente, morte pela opção do aborto, tem como premissa o compartilhamento das dificuldades, dramas, silêncio, culpa e do resultado final (morte) para uma mesma comunidade de experiências, sendo nesse caso o das mulheres pobres que optam pelo aborto no Brasil. A análise mais cabível para os lugares de fala inscritos no curta é a de que por se tratar de um documentário com um fim muito claro de denúncia e de exposição das realidades que não são vistas na grande mídia, o seu emissor se apresenta de forma sensível, delicada e realista, pois não recorre a recursos linguísticos exagerados, nem à simbologias religiosas - apesar de conter elementos que indiquem uma espiritualidade extrafísica (cena final), facilitando, assim, a sensibilização do seu expectador para a condição da menina - ambientando uma fala impactante e que causa angústia, porém sem os exageros ou as distorções meramente dramáticas do qual poderia facilmente se valer.

Portanto, enquanto objetivo final de realizar um documentário de denúncia social, o curta metragem *A Boneca e o Silêncio*, sob a perspectiva de vídeoativismo, mostra elementos que dirigem a temática para alcançar uma maior visibilidade para a

causa do aborto no Brasil. Contudo, apesar de contraditório, se faz necessário conjecturar que, o uso de elementos visuais carregados, ainda que excludentes de qualquer caráter religioso, transmitem ao espectador (receptor) todo o incomodo do sofrimento partilhado pela personagem central. A agonia e a aflição, mostrados, principalmente, na cena final, em que a mãe simbolicamente ampara a filha, “conduzindo” e acalentando “a alma” dela em seus braços, pode afugentar o telespectador, menos informado, acerca do tema. Revelando-se daí uma brecha para uma representação menos fiel aos objetivados pela trama, justificado, precisamente, pela razão de o imaginário social brasileiro acerca do tema do aborto ser fundamentado nas cristalizadas representações (moral, religião e crime) comentadas no início desse artigo.

COSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, por meio das teorias dos Lugares de Fala, aliados ao estudo dos Enquadramentos Midiáticos, e dos estudos do sobre Documentário e Videoativismo foram identificados alguns elementos dos quais é composta a representação social sobre o aborto no Brasil através da reportagem Aborto Clandestino do programa Profissão Repórter e do documentário A Boneca e o Silêncio da cineasta e ativista Carol Rodrigues.

O tema aborto provoca todas as fronteiras sobre moralidade e sobre quais escolhas as mulheres têm o direito de fazer (ou não) ao longo de suas vidas. O documentário analisado, realizado por uma mulher, negra e de origem pobre, sobre um tema exclusivamente feminino, tem em comum a evidência da pobreza, do sofrimento, e do abandono para mostrar o tema do aborto sob o ângulo da indignação em relação a algo que é proibido por lei, mas que acontece todos os dias, matando e mutilando milhares de mulheres em todo território brasileiro sem que se tenha o devido enquadramento por parte dos meios de comunicação acerca do tema.

Dentro desse breve estudo, podemos afirmar que o videoativismo como ferramenta para sensibilização de uma determinada audiência, propõe através de seus lugares suas falas singulares uma abordagem diferente das agendadas nos meios de comunicação hegemônicos. Desse modo, diferentemente no enquadramento da reportagem Aborto Clandestino, o lugar de fala do espectador é o lugar do senso

comum. Sua fala (discurso) não buscar ir além do que já está estabelecido no imaginário das pessoas acerca do assunto aborto. Seja por receio de confrontar as ideias do seu público, ainda que com algumas ressalvas, todo o seu discurso parece objetivar a manutenção do mesmo sensacionalismo que omite, distorce e, nesse caso, abranda a aflição das mulheres ao exacerbar a sua culpa moral, jurídica e espiritual pela opção da interrupção voluntária de sua gravidez.

Por fim, na comparação das produções, atesta-se que o enquadramento que pode incitar uma nova visão (novo ângulo) sobre o aborto no Brasil é o mostrado em *A Boneca e Silêncio*. O retrato da história de Marcela deve servir para alargar um pouco mais a visibilidade pública e ideológica acerca do tema aborto, pois o seu lugar de fala articula-se de forma sensível e realista com seu público, sem recorrer a julgamentos morais, religiosos ou incriminatórios, oferecendo uma pequena contribuição para a reorganização dos repertórios e das variadas formas de se falar sobre aborto nos múltiplos formatos de mídia do Brasil.

REFERÊNCIAS

ABORTO CLANDESTINO. **Profissão Repórter**. Rio de Janeiro, Rede Globo, 28 de out. 2014. Programa de TV. Disponível em: <<http://g1.globo.com/profissaoreporter/noticia/2014/10/umaemcadacincobrasileirasate40anosfezpelomenosumabortoilegal.htm>> acesso em: 20 nov. 2015.

AMARAL, Márcia Franz. Lugares de Fala: um conceito para abordar o segmento popular da grande imprensa. **Revista Contracampo**, Rio de Janeiro, n. 12, 2005. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/561>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

DINIZ, Debora; DAMASCENO, Ana Paula. Mulheres, mídia e aborto. **Letras Livres**, Brasília, n.20, p. 1-8, maio. 2001 (Série Anis,)

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**, Porto Alegre v. 42, n. 4. p. 18-31, dez. 2007.

FONTES, Maria Lucineide Andrade. Enquadramento do aborto na mídia impressa brasileira nas eleições 2010: a exclusão da saúde pública do debate. **Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero**. Universidade Federal da Bahia. Salvador, mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232012000700019&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 nov. 2015.

PARANHOS, Fabiana do Nascimento. **Documentário e videoativismo: a análise fílmica de narrativas sobre aborto**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linha de Pesquisa Políticas de Comunicação e de Cultura, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Comunicação, Brasília, 2011.

PINHO, Andrea Azevedo. **Os debates sobre aborto na mídia Brasileira: dos enquadramentos midiáticos a construção de uma democracia plural**. Universidade de Brasília. Brasília, abr. 2009. Disponível em:< <https://eces.revues.org/233>>. Acesso em: 10 nov. 2015 .

PORTO, Mauro P. Enquadramentos da Mídia e Política. XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS., Brasil, Minas Gerais. 22 a 26 out 2002.

OLIVEIRA, Líliliana Tavares de. CARVALHO, Anabela. O Framing na Cosntrução Social de Sentido do Risco e da Incerteza da Ciência. **Revista Comunicando**. V.1. n.1 Dez, 2012